

MODERNIDADE, CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES E APURAÇÃO DA RAÇA: O FUTEBOL, OS ESPORTES E A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FERRAMENTAS DE EUGENIA NOS ESTUDOS DOS MÉDICOS DA FAMEB

Recebido em: 30/05/2021

Aprovado em: 08/11/2021

Licença: 

Fabiana Pomin¹

Lucas Santos Café²

Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Primavera do Leste – MT – Brasil

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar algumas teses defendidas por médicos e doutores da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), nos anos finais do século XIX e nos iniciais do XX, a fim de ampliar as análises e as formulações sobre o dilema racial brasileiro. O estudo centra-se nas abordagens que, ao fazerem uma leitura à brasileira do racismo científico e do darwinismo social, buscavam soluções para os problemas raciais por meio da prática de exercícios físicos. Até o momento, segundo as pesquisas mais aceitas (SCHWARCZ, 2011), a ação dos médicos baianos, buscando o aperfeiçoamento racial e social da população brasileira por meio do exercício físico, apontam raros trabalhos que começaram a aparecer a partir da década de 1920. Porém, a partir das fontes primárias é possível identificar que essas ações iniciaram antes, no final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Raça. Educação física. FAMEB.

MODERNITY, CIVILIZATION OF CUSTOMS AND IMPROVEMENT OF RACE: FOOTBALL, SPORTS AND PHYSICAL EDUCATION AS TOOLS OF EUGENICS IN THE STUDIES OF FAMEB DOCTORS

ABSTRACT: This paper aims to analyse some thesis defended by doctors in Medicine of the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB), in the last years of the 19th century and in the early years of the 20th, in order to expand analysis and formulations about the Brazilian racial dilemma. The study focuses on approaches that, under a Brazilian conception of scientific racism and social Darwinism, tried to solve racial problems through the practice of physical exercises. Until now, according to the most accepted researches (SCHWARCZ, 1993), the action of Bahian doctors, searching for the racial and social improvement of the Brazilian population through physical exercise, points

¹ Doutora em Ciências da Atividade Física e do Esporte (Universidade da Coruña – UDC). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológica no Instituto federal de Mato Grosso (IFMT), Campus Primavera do Leste.

² Doutorando em História pela UFMT Mestre em História Social pela UFBA Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Pró-Saber Professor de História do IFMT - Campus Primavera do Leste. Ex-Diretor do Colégio Estadual Quilombola Onildo Raimundo de Cristo - Comunidade Quilombola.

out rare studies that came to light in the 1920s. However, in the first readings, it is possible to identify earlier events with the same perspective, in the late 19th century.

KEYWORDS: Race. Physical education. FAMEB.

Apresentação

Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2014), apesar de a América Latina não ser mais uma colônia da Europa e o colonialismo ter chegado ao fim desde as primeiras décadas do século XIX, nós ainda sofremos com a dominação europeia, pois vivemos na denominada *colonialidade*. Essa condição é identificada pela persistência da hierarquização entre os seres humanos a partir de critérios raciais. Para o autor, a ideia de raça orientou os discursos de modernização e de civilização dos costumes que atravessaram a história da Educação Física e dos esportes no Brasil e no mundo.

Segundo Quijano, é impossível entender a continuidade das relações de dominação e exploração na América Latina sem entender o papel que ela ocupou e continua ocupando no processo de globalização. “A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial” (QUIJANO, 2005, p. 117).

Um dos eixos que fundamentam esse padrão de poder é a classificação social da população mundial a partir da ideia de raça, que é uma construção mental e social que revela a “[...] experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (QUIJANO, 2005, p. 117).

A atual condição de colonialidade é a permanência dessa hierarquização racial que tem uma origem e um caráter colonial, porém, esse caráter se mostrou ser mais duradouro “[...] e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica,

consequentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico” (QUIJANO, 2005, p. 117).

Avançando no conceito, Walter Mignolo (2017) salienta que a colonialidade era a pauta oculta ou o lado “escuro” da modernidade. Segundo o autor, pensar esse conceito já é um ato descolonizador, pois é preciso partir de um olhar descolonial para observar a barbárie e destruição existente por trás do discurso civilizatório moderno. “[...] Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Quijano (2005) e Mignolo (2017) nos permitem problematizar os discursos de progresso e de desenvolvimento que tiram vidas, dizimam memórias e exterminam culturas e que, durante muito tempo, atravessaram as práticas corporais e a Educação Física desenvolvidas e praticadas no Brasil.

Esses discursos universalizantes são os mesmos que até hoje podem determinar o currículo da disciplina nas escolas brasileiras coibindo a equivalência racial. Nesse sentido, a principal tarefa de uma Educação Física preocupada com as relações étnico-raciais é quebrar a colonialidade travestida de modernidade. Assim, não se pode perder de vista o conceito de raça para entender os problemas que pautaram a Educação Física e a prática de esportes em seus momentos iniciais e que estiveram sempre associados às ideias de modernidade e civilidade.

Aníbal Quijano (2014) e Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1999) defendem que o conceito de raça é recente na história da humanidade, sendo assim, seria recente também a prática do racismo. Guimarães (1999) aponta que a palavra raça se apresenta

nas línguas europeias a partir do século XVI, sendo esse fato, para Quijano, algo que a história nos ajuda a entender: o contato dos brancos com a América.

Alguns pensadores defendem que, antes do aparecimento do conceito de raça, já havia o processo de racialização dos seres humanos, o que sugere a existência do racismo a um período anterior à descoberta da América. Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1999) por exemplo, defende que é possível identificar ideias proto-racistas contra os negros desde a antiguidade, tanto na cultura grega quanto na cultura romana. Segundo o autor, no mundo árabe, já é possível ver uma ideia de raça mais elaborada e vinculada à prática da escravidão.

Para Quijano (2014), o racismo é uma novidade histórica construída pelos europeus no processo de dominação da América, utilizada para legitimar as estruturas de poder do mundo colonial e do capitalismo. Antes da invasão da América, para Quijano, não existia o racismo, mas o etnocentrismo. Assim, para ele, o racismo foi inicialmente produzido na América e, posteriormente, reproduzido no resto do mundo, como fundamento da especificidade das relações entre a Europa e o outro não europeu.

Nesse ensejo, raça seria uma categoria mental nova e exclusiva da formação da América. O racismo, ou seja, as distinções e hierarquizações a partir de pressupostos biológicos surgem com o capitalismo/colonialismo/patriarcado como categoria mental a serviço da dominação dos não europeus.

Pensando de forma semelhante à Quijano, Guimarães (1999) aponta que raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural, sendo, na verdade, uma construção mental, intelectual e ideológica com impactos reais no mundo físico. Nesse sentido, o conceito diz respeito apenas a uma classificação social, que se apoia em uma ação negativa frente a certos grupos sociais, “[...] e informada por uma noção específica

de natureza, como algo endodeterminado. Em suma, a realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social” (GUIMARÃES, 1999, p. 11).

Quijano (2014) aponta que o racismo é o sustentáculo de todo o processo de dominação da cultura ocidental e se ampara em uma relação de dominação cujo maior trunfo é a colonização do imaginário do colonizado. O racismo e a naturalização da ideia de raça são cruciais nesse processo, pois, para o autor, ninguém consegue ser explorado se não for dominado. Dessa forma, dominar ou controlar, assim, colonizar os conhecimentos, as formas de pensar e as práticas corporais do colonizado se constituíram como essencial no processo de dominação, só sendo possível graças à naturalização do racismo.

Sobre o racismo, Guimarães (1999) acredita ser uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais. A naturalização acontece de acordo com os interesses das elites, o que faz com que cada racismo tenha sua própria história. Dessa forma, pode-se afirmar, apesar do racismo ser um problema mundial, que ele desenvolve características próprias em cada espaço, fato que permite que no Brasil se desenvolva um tipo específico de racismo.

Abdias Nascimento (1978) detalhou como, historicamente, no Brasil, foi se formando e se construindo um processo de um “racismo mascarado” do qual a Educação Física foi importante vetor de sua disseminação. Segundo ele, o processo começa com a rejeição da história, a cultura e as práticas dos africanos e de seus descendentes, passando pelo mito da benevolência do branco português para com o negro e das possíveis “contribuições” do branco civilizado para com o negro “incivilizado”.

Para Nascimento (1978), a construção desse “racismo mascarado” foi um projeto de Estado, institucionalizado a partir das políticas de branqueamento da nação e naturalização do racismo na educação formal, e a Educação Física teve um papel fundamental nessa construção.

Racismo, prática orientada de exercício físico e Educação Física andaram juntos na construção da nação brasileira. Por meio de estudo de fontes primárias (teses dos doutores da Faculdade de Medicina da Bahia - FAMEB produzidas entre 1895 e 1906), consultados seus originais de maneira presencial na biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, identificamos que havia um sentido pedagógico para a prática de exercício físico entre as elites na cidade de Salvador na virada do século XIX para o XX. O sucesso e a popularização de práticas como a ginástica, e, posteriormente, de esportes como o futebol, não ocorreram devido aos esforços individuais e a garra de jovens brancos e ricos apaixonados (até a década de 1940, ginástica era sinônimo de Educação Física, e vice-versa). Pelo contrário, foi o contexto que favoreceu o desenvolvimento dessas práticas, ou seja, a prática elitista e as apropriações realizadas pelas camadas populares.

Assim, governo, autoridades locais, imprensa, empresários, comerciantes, médicos, professores e estudantes, todos contribuíram de forma significativa para o sucesso das práticas de exercício físico e de esportes desde os primeiros anos, embora alguns destes já pregavam seus benefícios na cidade na capital baiana antes da implementação do projeto civilizatório de J. J. Seabra na década de 1910.

Esses grupos apoiavam o desenvolvimento da Educação Física escolar por meio da ginástica, e de outros esportes como o futebol, enxergando-os como ferramentas de transformação da sociedade. Pouco tempo depois, somam-se a estes os grupos dos

populares, que, com formas de jogar próprias, tiveram relevante importância para a consolidação das práticas esportivas.

O apoio concedido às práticas esportivas devido à busca por modernidade não era exclusividade da sociedade soteropolitana. Em seus estudos sobre os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro, Victor Andrade de Melo (2001) afirma que, desde a chegada da Família Real, em 1808, e principalmente depois da independência, iniciou-se no Brasil um processo de “[...] busca de consonância e identificação com países da Europa” (MELO, 2001, p. 14).

Como coloca Goellner (1992), naquela época, a prática de exercício físico tinha como objetivo o controle do corpo individual, e social. “Objetivava-se a formação dos futuros gestores do país, mas também o disciplinamento da classe trabalhadora” (POMIN, 2020, p. 53).

Aos moldes europeus, depois do Método Alemão de Ginástica se consolidar na área militar, chegou aos civis. Dessa forma, em 1851 a prática de ginástica no ensino primário foi implementada por Couto Ferraz (embora tenha se efetivado apenas em 1854 com a publicação de um projeto de lei) (GOELLNER, 1992).

Em 1823, Joaquim Jerônimo Serpa, dentro dos objetivos educacionais e através de noções de higiene e puericultura, com o título de Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos, lançou, em Pernambuco, a primeira obra especializada publicada no Brasil.

De 1845 em diante, assinalaram-se alguns trabalhos sobre educação física, assunto constantemente escolhido para tema nas teses apresentadas pelos doutorandos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RAMOS, 1982, p. 292).

Com a necessidade de civilizar o país, na tentativa de torná-lo semelhante aos países europeus, como capital, o Rio de Janeiro seria a primeira cidade a realizar essas mudanças, constituindo-se, logo cedo, em um cenário fértil para o desenvolvimento da Educação Física e das práticas esportivas, consideradas civilizadoras e, portanto, possuidoras de características eugênicas, higienistas e militares.

Em consonância com o disposto, este trabalho objetiva analisar algumas teses defendidas por médicos e doutores da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), nos anos finais do século XIX e nos iniciais do XX, para apontar como era o pensamento dos médicos em relação à Educação Física e à prática de exercícios físicos, a fim de ampliar as análises e as formulações sobre o dilema racial brasileiro. Centrando-se, para tanto, nas abordagens que, ao fazerem uma leitura à brasileira do racismo científico e do darwinismo social, buscavam soluções para os problemas raciais por meio da prática de exercícios físicos.

O Futebol, os Esportes e os Médicos da FAMEB

Dentro do grupo dos que acreditavam que o futebol e os esportes deveriam desenvolver uma função especial e importante na sociedade baiana, destacamos os médicos e doutores da FAMEB. Estes se dedicaram a analisar e discutir a prática de atividades físicas e esportes, com o objetivo de mapear quais benefícios sociais e raciais poderiam fornecer para a Bahia e para o Brasil. Segundo Schwarcz (2011), os médicos da FAMEB estavam entre os

[...] obscuros ‘homens de ciência’ que em finais do século XIX, e no interior dos estabelecimentos em que trabalhavam, tomaram para si a quixotesca tarefa de abrigar uma ciência positivista e determinista, e, utilizando-se dela, liderar e dar saídas para o destino desta nação (SCHWARCZ, 2011, p. 18).

Com a difícil tarefa de traçar o destino da nação, alguns médicos baianos enxergaram na prática de esportes e atividades físicas, entre elas a prática do futebol, um caminho viável para solucionar os problemas detectados na sociedade brasileira. Esses profissionais viviam o dilema de aceitar as teorias racistas e deterministas estrangeiras que já condenavam a sociedade brasileira por estar miscigenada, ou promover uma apropriação dessas ideias, adaptando-as à realidade local, a fim de descobrir caminhos viáveis para o futuro do país.

Mary Del Priore (2009) revelou que, antes da chegada do esporte, algumas atividades físicas já eram alvo dos olhares médicos, que quase sempre buscavam um sentido medicinal ou pedagógico para elas.

A equitação, por exemplo, que começou como uma atividade associada ao militarismo, ao trabalho e ao transporte, passou a ser utilizada como atividade de lazer, tornando-se comum entre as elites cariocas. Estava sempre sob o olhar das autoridades pedagógicas, que trabalhavam para mudar não apenas a paisagem e o espaço, mas também os costumes (DEL PRIORI, 2009). Com efeito, podemos observar, pelas gravuras do século XIX, que os nobres e ricos montavam de forma que os distinguiam daqueles que usavam os animais para o trabalho e o transporte.

A cidade de Salvador deu início a um processo de civilização e modernização inspirado no movimento que acontecia na capital brasileira. O movimento soteropolitano não foi uniforme e linear, sendo mais perceptível a partir de algumas erupções históricas. Nas últimas décadas do XIX e nas primeiras do XX, é que esse processo vai se intensificar. Nesse contexto, na Bahia, os esportes e as atividades físicas institucionalizadas foram chegando de forma semelhante àquela que se verificou no Rio de Janeiro, com importações dos modismos e dos costumes europeus, sobretudo, os costumes de caráter militar. Assim, essas práticas foram apropriadas, passando por um processo de transformação e ressignificação, cujos sentidos variavam de acordo com os grupos sociais e raciais envolvidos.

Se a prática de atividades físicas e esportes não era algo comum na vida dos jovens das elites soteropolitanas na última década do século XIX, no mínimo, já se fazia presente na vida de muitos deles.

As atividades físicas não eram praticadas apenas como uma forma de culto ao corpo, ou apareciam como mais uma alternativa de lazer para as elites. Eram observadas

em escolas, colégios e clubes específicos, tendo seus significados complexos e um objetivo evidente: contribuir para a formação de pessoas civilizadas e sadias.

Se, devido ao acontecimento de surtos de epidemias que dizimaram milhares de pessoas na Bahia durante a segunda metade do século XIX, os médicos baianos passaram a se preocupar cada vez mais com a “higiene social” e a saúde física e mental da população, os estudos dessas práticas importadas eram de muita importância, pois acreditavam que elas poderiam ser a solução para uma sociedade limpa, sadia e moralizada.

A saúde pública e o desenvolvimento do homem e da mulher baiana eram centrais entre as preocupações dos médicos baianos. Segundo Schwarcz (2011), que estudou os periódicos da *Gazeta Médica da Bahia*, o assunto ou tema principal estudado pelos médicos baianos era a *hygiene publica*, que compreendia, além da epidemiologia, temas como o saneamento, higienização, demografia e meteorologia (SCHWARCZ, 2011).

Nesse contexto, os médicos acreditavam que os esportes ingleses, recheados de normas e regras, poderiam se constituir em uma chave para a prevenção de moléstias, auxiliando no controle da saúde coletiva e no desenvolvimento de um corpo mais forte e de uma raça mais apurada.

De modo geral, a prática de esportes era motivo de reflexão e tinha um papel social estabelecido naquela sociedade, e o futebol não estava fora disso. As elites estavam preocupadas em civilizar e modernizar a capital da Bahia. Isso significava repudiar alguns costumes tidos como atrasados e buscar novas práticas que eram consideradas nobres e educativas.

João José Reis (2004) mostra que as autoridades públicas e parte das famílias ricas de Salvador já se preocupavam com ideais de civilização e criticavam alguns

costumes tidos como atrasados desde as primeiras décadas do século XIX (REIS, 2004).

A Europa sempre serviu de espelho para as elites brasileiras na busca de ideais de civilização e modernização. Na última década do século XIX, a recém-criada República Brasileira tomou como uma das tarefas modernizar o país, com o objetivo de jogar para o passado tudo que lembrasse o Império, assim como as origens portuguesas, indígenas e africanas.

As transformações começaram pela capital, cartão de visitas para os estrangeiros, realizando a vaidade das elites que prosperavam com o café, a pecuária, o comércio e a indústria incipiente. As autoridades públicas iniciaram um processo de urbanização da cidade aos moldes daquele realizado na cidade de Paris, apropriando-se então de uma série de costumes importados.

Não podemos perder de vista que todo esse processo de civilização e modernização era balizado por teorias racistas. Influenciados pelo darwinismo social e pelo racismo científico, os promotores dessas transformações urbanas desejavam também um apuramento racial da população miscigenada.

A *Belle Époque* carioca acabou sendo generalizada para diversos outros centros do país. Entretanto, no caso baiano, enxergamos esse processo de modernização como múltiplo, diverso e complexo, pois vários países, inclusive não europeus, serviram de espelho para o forjamento de uma Bahia civilizada.

Em algumas ocasiões, a França parecia não ser tão agradável, por exemplo, aos olhos de alguns intelectuais baianos que, de alguma forma, tinham ligações com a FAMEB. A edição de julho de 1899 da *Gazeta Médica da Bahia* publicou uma matéria sobre os problemas físicos e morais criados pelo álcool em alguns países da Europa. Após analisar alguns trabalhos realizados em um congresso, o autor afirma:

A impressão que se tira dos trabalhos que ocuparam a atenção do congresso é que a França caminha em terrível senda de degradação *physica* e moral e acabará por chegar no último termo da miséria, se uma propaganda poderosa não conseguir a tempo conjurar o perigo, que de geração em geração se vai agravando (FAMEB, 1899, p. 29).

Talvez essa representação sobre a França estivesse influenciada pela posição de inferioridade política e econômica em relação a outros países europeus. Talvez esse olhar fosse possível porque a Inglaterra, e não a França, fosse modelo racial almejado. Entretanto, independentemente de estar experimentando ou não um período de degradação física e moral, o que importa aos efeitos dessa reflexão é que, para alguns intelectuais baianos que buscavam ideais de civilização para a Bahia, não poderia servir de exemplo para a educação dos jovens abastados.

Sendo assim, buscaram na Inglaterra as práticas adequadas e os ideais de civilização necessários para as desejadas mudanças nos costumes. Segundo Hilário Franco Junior, quando os ingleses derrotaram as tropas de Napoleão em 1815, teve início um século de domínio político, econômico e cultural britânico (FRANCO JUNIOR, 2007). Através de sua política imperialista, a Inglaterra acabava difundindo seus costumes pelos países com quem mantinha contato, inclusive o Brasil. Sua posição no cenário mundial no século XX certamente influenciava a sua escolha como “civilização modelo” para as demais nações do mundo ocidental.

Os esportes ingleses, que passaram a ser praticados na Bahia pelos membros das famílias ricas, apresentavam uma série de diferenças em relação às demais práticas populares. Eram apoiados pela alta sociedade e pelas autoridades que apreciavam seus potenciais pedagógicos. Estimulavam o espírito coletivo, a disciplina e o respeito à ordem estabelecida, pois reuniam uma série de regras escritas que deveriam ser seguidas. Essas regras exploravam desde a disciplina na ocupação de espaços, ao respeito dos *sportmen* em relação aos seus adversários.

Esportes coletivos e de contato como o futebol deveriam ser rigorosamente disciplinados, pois só assim poderiam cumprir o papel desejado. Também eram importantes para a preservação do físico e conservação da saúde física e mental. Entre outras palavras, os esportes seriam um importante aliado no projeto de construção de uma raça mais forte.

Nesse cenário, em 1900, Carlos Antonio Pitombo (1900) defendeu uma tese na Faculdade de Medicina da Bahia intitulada “Apreciações acerca dos exercicios phisicos nos internatos e sua importancia prophylactica” (PITOMBO, 1900), na qual buscava analisar os exercícios em função de seus benefícios para a saúde física e mental, e principalmente seu papel na prevenção de doenças e a propagação de moléstias que se colocavam como um grande obstáculo para o progresso da sociedade.

Segundo Henrique Sena dos Santos, na Bahia, mesmo que timidamente, “[...] algumas atividades esportivas existiam desde o segundo quarto do século XIX a exemplo do turfe e do críquete praticado por ingleses residentes na capital baiana” (SANTOS, 2012, p. 29). Citando alguns memorialistas da cidade, Santos afirma que os ingleses, além de pioneiros na prática de esportes, também foram os primeiros a fundar clubes e associações esportivas que acabavam atraindo a atenção das elites, sobretudo, dos jovens abastados. Muitos desses mancebos se tornaram estudantes da FAMEB, o que pode ajudar a explicar a estreita relação mantida pelos médicos com o universo esportivo.

É importante lembrarmos que alguns membros da FAMEB não apenas estudaram o tema, como também eram praticantes de esportes e atividades físicas, vindo a representar um dos grupos responsáveis pelo desenvolvimento do futebol na cidade de Salvador (SANTOS, 2012, p. 33).

Em um ambiente caracterizado pelas discussões raciais e pela busca por civilização e modernidade, com a necessidade evidente de controlar o que já se conceitua como a saúde pública, os estudos sobre as atividades físicas estavam relacionados aos temas da *Cadeira de Hygiene*, mais precisamente, incluídos no grande tema da *Hygiene Social* ou *Hygiene Pública*. Entre as teses estudadas, a primeira que abre espaço para uma discussão mais aprofundada da temática é a *Hygiene Escholar*, defendida por Francisco Lobo no ano de 1895, a fim de receber o título de Doutor em Medicina. Ao justificar um trabalho médico-social sobre a aplicação da higiene das escolas, Lobo afirma que

[...] a aplicação da hygiene á eschola, assumpto importantíssimo, do qual depende a resolução do mais difícil problema social, qual o de preparar a geração que surge para com o patriotismo corrigir os erros do presente, que não são poucos, e elevar a pátria à altura que ela merece no quadro das nações civilizadas (LOBO, 1895, p. 11).

Sua preocupação recai sobre a necessidade de defender a importância dos estudos sobre a organização escolar segundo preceitos higiênicos. Todo país civilizado deveria se preocupar com essa questão. Sendo assim, era necessário esse tipo de discussão no Brasil, pois, nas escolas, estavam sendo formados os futuros administradores dessa sociedade. Além de proteger o desenvolvimento da criança, esse tipo de estudo visava fornecer instrução e educação suficientes, para que, no futuro, pudessem desempenhar o papel que lhes seria destinado naquela sociedade.

Ao fazer esse tipo de análise, os médicos baianos não repetiam ou copiavam na totalidade as teorias estrangeiras, pois a maioria delas já tinha condenado o futuro do Brasil em decorrência da visão alimentada acerca da miscigenação (SCHWARCZ, 2011). Não concordando com esse tipo de posicionamento, alguns médicos baianos buscaram a todo custo solucionar os problemas que se colocam como obstáculos para o desenvolvimento da raça e da nação.

Entre os assuntos higiênicos que deveriam ser trabalhados em sala de aula, a Educação Física e a prática de exercícios físicos se destacavam entre os que interessavam aos estudiosos da FAMEB. Para eles, um país civilizado e racialmente apurado cuidava do corpo e da mente dos seus filhos. Sendo assim, não poupavam o governo de críticas, pois não dava a atenção merecida a essa questão. Segundo os médicos, se o Brasil vivia uma ânsia por modernidade, desejando se tornar civilizado como algumas nações europeias, seria necessário primeiramente investir na prática de exercícios físicos, pois eles seriam capazes de transformar a sociedade. Acreditavam que essas práticas tinham a capacidade de agir em várias áreas, como a social, a física, a mental e a moral. Entre outras palavras, essas práticas tinham a capacidade de auxiliar no apuramento racial do povo brasileiro.

Lobo denuncia o descaso das autoridades brasileiras com a Educação Física, afirmando que ela tem sido por aqui “[...] completamente descuidada, porque acreditam que instrução é suficiente, quando, se é verdade que por esta se esclarece o entendimento, só pela educação forma-se o caráter do indivíduo” (LOBO, 1895, p. 2). Seria impossível separar as íntimas relações entre a organização física, moral e intelectual, e o desprezo de uma certamente acaba afetando o desempenho da outra. Assim, os brasileiros deveriam seguir o exemplo dos países europeus, que valorizavam as atividades físicas, buscando a educação e disciplinamento do corpo e mente e a perfeição racial.

Sobre os médicos baianos que escreviam na *Gazeta Médica da Bahia*, com destaque para Nina Rodrigues, Lilia Schwarcz afirmou que “[...] utilizando modelos social-darwinistas, esses cientistas farão uma leitura original da realidade nacional ao apontar o cruzamento como o nosso maior mal, ao condenar a hibridação das raças e sua consequente degeneração” (SCHWARCZ, 2011, p. 208).

É verdade que muitos médicos condenaram a hibridação e enxergaram nela o fim das esperanças para o progresso da nação. Nem todos, contudo, compartilhavam e acreditavam nessas ideias, muito antes de Nina Rodrigues, condenar o futuro do povo brasileiro devido à miscigenação, alguns médicos trabalhavam em seus gabinetes e laboratórios para apontar um futuro menos pessimista e fatalista para a nação. Todavia, esses mesmos médicos também partiam de concepções racistas para analisar e interpretar a sociedade brasileira.

Algo comum entre os trabalhos que estudavam o exercício físico e o esporte era apresentar um panorama histórico dessas práticas, mostrando como, desde a Antiguidade, tanto homens civilizados quanto bárbaros perceberam sua importância para o desenvolvimento de uma sociedade forte. Seja no ensino da ginástica na busca por corpos atléticos, seja no ensino de exercícios militares para a obtenção de guerreiros, defendem que o exercício físico sempre foi aliado das nações e dos impérios que se destacaram ao longo da história.

Com essa forma de pensar, os médicos acreditavam que, para além dos fatores genéticos, os fatores “culturais” e/ou fatores sociais influenciavam a formação de uma raça. Nesse sentido, levando em consideração e, ao mesmo tempo, fazendo adaptações da teoria da evolução de Darwin, todas as raças estariam em processo de evolução, transformação e formação. Essas possibilidades teóricas e hipóteses estimulavam alguns médicos baianos a acreditarem na viabilidade de uma nação miscigenada. Se o Brasil desejasse ser grande como os países europeus, seria preciso mudar a cultura, a forma de pensar a educação, investindo nos estudos relacionados à Educação Física que estimulariam o desenvolvimento do corpo e da raça.

O pessimismo desses médicos não estava relacionado ao fatalismo e à inviabilidade do desenvolvimento do Brasil presentes nas teorias racistas europeias. O

pessimismo desses cientistas recai sobre a falta de interesse do governo e do poder público em aplicar na sociedade as medidas urgentes necessárias à transformação da sociedade.

Segundo Lobo (1895), a decadência orgânica e moral de sua geração acontecia devido à falta de exercícios físicos como a ginástica, concebida como a base da Educação Física, não sendo um problema genético ou de inferioridade racial natural. A ausência de outras atividades auxiliares, como o passeio, a carreira, o salto, a natação e os exercícios militares, tornavam a situação ainda mais complicada. Para o autor, enquanto os países civilizados buscaram corrigir essa situação de degradação, as autoridades brasileiras ainda não conseguiram enxergar os benefícios e utilidades dessas atividades para as próximas gerações, comprometendo o futuro da nação. Indo além, Lobo afirma que

[...] não é só a falta da educação physica que temos a notar em nossas eschololas; n'ellas tudo falta e podemos affirmar sem receio de sermos contestados que longe estão de preencher os fins a que são destinadas. Desde o edificio até os programmas tudo está em opposição n (sic) anifesta aos preceitos scientificos (LOBO, 1895, p. 3).

Quando estudou os médicos da FAMEB, Lilia Schwarcz chamou a atenção para as visões pessimistas que eles tinham sobre a sociedade brasileira, devido à miscigenação e à presença dos africanos. A autora afirma que:

Tão radicais quanto o pessimismo das premissas eram, porém, as saídas alardeadas pelos médicos baianos em meados dos anos 20. Se existia uma parte da população que poderia ser 'saneada e regenerada', outra se encontrava irremediavelmente enferma e era em nome dela que as medidas mais extremas eram propostas (SHWARCZ, 2011, p. 216).

Fica evidente que os médicos baianos eram pessimistas em relação ao futuro da nação devido ao grau de degeneração racial em que se encontrava o povo. Sem aprofundar muito, Schwarcz cita um artigo que, segundo a autora, trazia uma novidade, pois “[...] concentrava-se não na reafirmação de nossa ‘situação racial decaída’, mas no alento à ‘regeneração’” (SCHWARCZ, 2011, p. 215).

A nosso ver, o artigo citado por Schwarcz, publicado em 1923, não trazia novidade, pois, quase 30 anos antes, alguns médicos baianos defendiam o mesmo ponto de vista em teses desenvolvidas na FAMEB. Nessas teses, a Educação Física e a prática de esportes não constavam como umas entre outras soluções, mas a solução que se apresentava para a regeneração do povo, sendo indispensáveis para o sucesso da nação.

Sobre o artigo citado acima, Schwarcz (2011) não o entendeu apenas como uma novidade, mas como o propulsor de uma nova forma de pensar, de uma nova forma de interpretar a questão racial, pois afirma que: “[...] a partir desse trabalho, outras propostas eugenistas são apresentadas. As soluções eram muitas e bizarras. Em 1923, um artigo defendia a introdução da Educação Física como forma de obter a perfeição humana: '*mens sana in corpore sano*' (GMB:39)” (SCHWARCZ, 2011, p. 215).

Concordamos com a autora quando afirma que as soluções racistas que buscavam usar a Educação Física como forma de obter o melhoramento da raça eram bizarras. Porém, discordamos quando afirma que essas “bizarrices” só surgiram na Bahia em 1923 a partir das discussões sobre eugenia. Talvez essa conclusão, que consideramos pouco equivalentes em relação à realidade por parte da autora, tenha sido ocasionada pelas fontes que utilizou. Ao trabalhar apenas com o periódico da FAMEB e não com as teses que eram produzidas na instituição, Schwarcz teve acesso limitado às informações, chegando a algumas conclusões com representatividade limitada ao escopo da pesquisa.

Desde o fim do século XIX, os médicos baianos já enxergavam uma solução para o povo brasileiro através da Educação Física e da prática de esportes. Francisco Lobo não foi o único portador dessas ideias. Outro intelectual que dedicou suas atenções ao estudo da aplicação da higiene nas escolas e buscou investigar a importância dos Exercícios Físicos e da prática de esportes nesse contexto foi José

Lopes Patury, médico alagoano residente na Bahia. Em sua tese *Hygiene Escholar* (1898), afirma que estudar essas questões é também se preocupar com o bem-estar social, com o futuro da nação e com o engrandecimento de um povo.

Patury não acreditava que o Brasil fosse condenado ao fracasso devido à miscigenação e à hibridação. Influenciado pelo determinismo social, mas fazendo uma leitura própria dele, o médico acreditava que a escola deveria se constituir como um meio eficaz para o aprendizado da Educação Física, moral e intelectual, preparando a criança para “[...] uma vida completa, como membro da família, da pátria e da humanidade” (PATURY, 1898, p. 4).

Seu objetivo era criar um manual, apoiado em um método nítido e racional, que auxiliasse no desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais das crianças, tornando-as fortes, dóceis e instruídas, assegurando para a pátria a civilização e o progresso: “[...] Um povo mal educado não pôde constituir uma patria feliz, forte e instruída” (PATURY, 1898, p. 4).

Para que a educação fosse correta e o futuro da nação estivesse garantido, fazia-se necessário incentivar a prática de esportes e atividades físicas. Sem o desenvolvimento dessas faculdades, jamais o Brasil poderia chegar ao patamar dos países civilizados.

Para Patury, a necessidade da realização metódica e compulsória de atividades físicas e esportes era maior em uma nação como a brasileira, marcada pela miscigenação e pela degenerescência. Segundo ele, o Brasil estava atrás dos países europeus devido à inferioridade racial. Sendo assim, instruir intelectualmente as pessoas não bastava para mudar a realidade social do país; seria necessário investir em outras atividades e práticas que garantissem o melhoramento da raça, assegurando o futuro da nação.

Nesse sentido, fomentar a realização de atividades físicas entre as crianças no ambiente escolar era algo essencial para gerar o progresso racial brasileiro. O autor (1898) afirma:

Não basta, portanto, instruir o povo, é necessario ainda conservar, augmentar e melhorar a raça. E, pois, sobre as leis physiologicas e moraes da cultura das raças que deve repousar a educação, criando heranças uteis, physica e moralmente; assegurando assim o desenvolvimento da raça e, conseguintemente, o da nacionalidade, o da pátria (PATURY, 1898, p. 5).

O que chama a atenção na sua tese é que, mesmo reconhecendo que os brasileiros fazem parte de uma raça inferior, o autor não acredita que esse fato culmine no fracasso do país como uma nação civilizada.

Para o médico racista, o Brasil ainda tinha solução, e essa se localizava no fomento à prática esportiva, como o futebol. Patury (1898) não acreditava no progresso do país e no desenvolvimento da sociedade sem uma mudança drástica nos costumes físicos e morais.

Se o Brasil, na corrida pela civilização, já largava atrás dos países europeus em virtude do aspecto racial, não bastava apenas educar o povo, mas desenvolver também o seu corpo, o que para alguns médicos significava melhorar a raça e garantir um futuro melhor. Patury (1898) defendia que só com o corpo desenvolvido o homem seria capaz de desenvolver todas as faculdades do cérebro; do contrário, aconteceria um processo de regressão.

Ao defender essas ideias, alguns médicos baianos mostram que não eram meros copiadores e reprodutores das teorias racistas europeias. Eram “homens de ciência”, que atribuíam ao futebol e a outras práticas esportivas papéis importantes a serem desempenhados no processo de civilização e evolução nacional. Esse ambiente ajuda a pensar o futebol não apenas como uma simples atividade de lazer.

Acreditamos que, em seus primeiros anos, pelos menos para parte significativa da elite soteropolitana, o futebol e outros esportes eram entendidos como caso de saúde

pública e higiene coletiva, pois o futuro racial da população e progresso da nação estavam diretamente ligados ao sucesso desses esportes.

Além de analisar e pesquisar o futebol, os médicos e estudantes de medicina foram um dos primeiros grupos a se interessar pela prática do esporte na capital baiana. Não é obra do acaso o fato de o primeiro clube criado e destinado à prática do jogo de bola contar entre seus membros estudantes da Faculdade de Medicina. Além de pioneiros na prática esportiva, foram também os primeiros a criticar as formas populares de se jogar o *foot-ball*, pois, segundo eles, essas práticas populares em nada acrescentaram para a saúde do corpo, para a melhoria da raça e para a civilização dos costumes.

Para muitos intelectuais da FAMEB, era necessária uma transformação de todo o ensino público no país, o que estaria relacionado a uma mudança na própria forma de pensar e agir dos governantes. Defendiam a construção de colégios e *gynasios* que reservassem espaços para a prática de atividades físicas, dotados de todos os aparelhos e móveis que auxiliassem no processo.

Para médicos como Patury, o acúmulo de ideias abstratas ou a educação puramente intelectual que recebiam as crianças brasileiras eram altamente prejudiciais para a sociedade. Na fase de desenvolvimento da criança e no processo de formação do homem adulto, era necessária a prática de atividades físicas, para evitar o enfraquecimento das faculdades individuais e, como consequência direta da lei da seleção natural, o depauperamento e o aniquilamento da raça. Baseado nas ideias de Alfred Fouillée, que defendia que o equilíbrio físico era a base do equilíbrio mental, Patury afirma que “[...] a força mental e moral aumenta na razão directa do desenvolvimento geral do organismo. É preciso, pois, que excitemos esse desenvolvimento por meio da educação physica” (PATURY, 1898, p. 6).

Patury defendia para o Brasil o “forçamento” de uma nova seleção natural, com o forjamento de um novo homem desenvolvido por completo. Esses seres superiores seriam os responsáveis pelo progresso, pela civilização dos costumes e pela prosperidade. Como, para Patury, as gerações herdavam as fraquezas dos antepassados, era preciso iniciar uma nova seleção promovida pelo desenvolvimento físico e mental, no qual só os fortes sobreviveriam. Esse melhoramento racial seria a única forma de mudar a realidade brasileira.

Médicos como Patury acreditavam que o brasileiro era fruto de uma raça em transformação constante. Em outras palavras, para eles, era possível desenvolver os brasileiros, tornando-os tão superiores como os ingleses e às raças “arianas”. Esses intelectuais recusavam os modelos prontos produzidos na Europa, como o de E. Renan, que condenava o progresso brasileiro devido à miscigenação. Schwarcz (2011) afirma que:

Para E. Renan (1823-92) existiram três grandes raças - branca, negra e amarela - específicas em sua origem e desenvolvimento. Segundo esse autor, os grupos negros, amarelos e miscigenados ‘seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso’ (Renan, 1872/1961). Utilizando a noção de ‘raças não perfectíveis’, Renan apoiava o argumento poligenista, tendo como pano de fundo a crítica ao ideal humanista da unidade e ao conceito de ‘perfectibilidade’ em Rousseau. A radicalidade dessa concepção chegava à própria negação do darwinismo, na medida em que duvidava não só de uma origem comum dos homens, como da possibilidade de se prever um destino conciliável (SCHWARCZ, 2011, p. 62).

Ao analisar as teses da FAMEB, é perceptível que alguns médicos baianos eram “homens de ciência” que pensavam e projetavam um futuro racial e social para a sociedade baiana. No que diz respeito a essa constatação, compartilhamos do pensamento de Schwarcz (2011), que defende a originalidade da produção dos médicos brasileiros, não os considerando meros repetidores das teorias europeias. Nesse sentido, a autora endossa que mais importante e interessante é “[...] refletir sobre a originalidade do pensamento racial brasileiro, que, em seu esforço de adaptação, atualizou o que

combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial país” (SCHWARCZ, 2011, p. 21).

Condenar o país ao fracasso devido à questão da miscigenação e da hibridação era algo muito doloroso para esses profissionais. Sendo assim, não pouparam esforços para solucionar o problema brasileiro. E entre as soluções pensadas por esses intelectuais baianos, estavam a prática do futebol e de outros esportes ingleses que estimulassem o corpo, a mente e o espírito.

Dois anos depois da publicação de Patury, o baiano da cidade de Caravelas, o Doutor Carlos Antonio Pitombo defendeu a tese *Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importancia prophylactica* (1900). Esse trabalho nasceu da ideia de que a humanidade deveria se preocupar mais em evitar as moléstias do que em aprender a curá-las. Pitombo critica principalmente a falta de higiene nos estabelecimentos de educação e instrução da Bahia e o desprezo pela Educação Física no Brasil, sendo que, para o nosso progresso, essas questões mereciam total atenção das autoridades em caráter de urgência.

A situação deplorável em que se encontravam os internatos devia-se, entre outros motivos, aos maus hábitos enraizados na sociedade. Segundo o médico, “[...] em vez de receberem os alunos educação physica, moral e intellectual, afim de serem uteis a si mesmos e à sociedade, tornam-se depauperados ou doentes, inuteis e prejudiciaes à sociedade” (PITOMBO, 1900, p. II).

Após realizar uma espécie de história dos exercícios físicos e da prática de esportes, tentando alertar para a importância da realização desse tipo de atividade para o futuro do Brasil, Pitombo afirma que, por garantir força e resistência ao organismo, os exercícios físicos são assunto de primeira ordem nos países civilizados como medida higiênica e terapêutica. Seriam indicados para salvar a humanidade do estado decadente

em que se encontrava, justamente pelo desprezo dado ao trabalho muscular. Propunha trabalhar regularmente todos os órgãos, para que não houvesse um desequilíbrio funcional. Enfim, tornava-se essencial para o desenvolvimento do homem e da raça a prática constante de exercícios físicos (PITOMBO, 1900, p. 10).

Assim como Patury, Pitombo (1900) acreditava que o problema da sociedade brasileira também era racial e, para resolvê-lo, seria preciso melhorar a raça através do desenvolvimento físico. O brasileiro era doente e inferior, entre outros motivos, por não ter desenvolvido o hábito de praticar exercícios físicos. O médico defende que “[...] o gosto dos Anglo-Saxões pelos exercícios *physicos* é indubitavelmente uma das principais causas da superioridade da sua raça: sendo que os moços ingleses attendem primeiro ao desenvolvimento do corpo” (PITOMBO, 1900, p. 12-13), para depois se preocuparem com o desenvolvimento do espírito. Nesse sentido, seria necessário praticar, no Brasil, esportes como o futebol, o cricket, a ginástica, que, entre outros que faziam parte da cultura inglesa, seriam decisivos para a superioridade do povo inglês.

Em 1904, o baiano Álvaro Borges dos Reis defendeu a tese intitulada *Educação physica* (1904), na qual demonstra a importância da Educação Física para o desenvolvimento da raça e da sociedade brasileira. Apoiado nas ideias de Herbert Spencer, mas realizando uma apropriação e leitura própria dessas ideias, Reis afirma que o desenvolvimento do homem só é completo quando a educação moral e intelectual acontece posteriormente ou em comunhão com a Educação Física.

Para Reis (1904), os países que perceberam a importância dos exercícios para o desenvolvimento da nação conseguiram evoluir em todos os aspectos, sendo visível por exemplo a superioridade dos ingleses sobre as demais raças no mundo. Com isso, o médico desejava chamar a atenção da sociedade brasileira para os costumes ingleses, entre eles a prática de esportes. Ele afirma ser

[...] facto incontestavel hoje a predominancia em tudo dos anglo-saxões sobre os latinos e mais povos, não só na bôa constituição e fortaleza physica, na optima cultura e desenvolvimento intellectual como também na excellencia moral, nas virtudes civicas, no bom senso pratico, na coragem, altivez e impassibilidade relativa com que luctam pela vida (REIS, 1904, p. 25).

Segundo o autor, o exercício físico é a higiene ativa que dirige, equilibra e aperfeiçoa progressivamente a organização de nossas forças corpóreas. O atraso da sociedade brasileira devia-se à falta desse tipo de atividade. Se a principal causa da superioridade anglo-saxônica era a introdução da educação do físico na mocidade, o fator que determinava a inferioridade racial do brasileiro era o descaso com as forças corpóreas e a prática de esportes. O caso agravava-se, na Bahia, principalmente pelo fato de as mulheres serem praticamente sedentárias. Para Reis, o futuro da família e da nação dependiam da boa saúde física e moral da mulher, sendo preciso acontecer uma mudança drástica nos costumes, nas práticas e nos hábitos das jovens, e de todos os outros brasileiros.

Entre os médicos estudados, Álvaro Borges Reis se destaca pelo radicalismo de suas crenças nos benefícios dos esportes para a sociedade baiana. Em sua tese, o médico realiza uma retrospectiva histórica, mostrando como todas as “grandes civilizações” ou “grandes sociedades” só alcançaram êxito devido à prática de exercícios físicos. Afirma que

Quando as sociedades se organisaram, a força e a habilidade, fizeram sempre oppressão à fraqueza, de modo que as sociedades visinhas mais fracas eram dominadas pelas que dispunham daquelles dous preponderantes elementos. Todo o valor e todo o prestigio do homem baseavam-se portanto na força muscular e os proprios antigos assim o demonstraram como dentre elles, o austero Lycurgo, que em suas leis exigia até que as mulheres se submettessem aos mesmos exercicios que os homens, no pensamento de que mulheres robustas não poderiam ter senão filhos bem constituídos (REIS, 1904, p. 4).

Nesse sentido, Reis defendia o desenvolvimento e a execução de um plano específico para as mulheres baianas e brasileiras, pois do interior de suas mães nasceria o futuro da nação. Se essas mulheres fossem dotadas de força e habilidades físicas, suas

crias já nasceriam fortes e evoluídas, acontecendo assim o tão desejado melhoramento da raça, necessário ao desenvolvimento da nação. Reis era um crítico ferrenho da prática de esportes sem métodos e objetivos definidos, a fim de aproveitar seus benefícios e vantagens corporais (REIS, 1904, p. 15).

Proclamarmos a necessidade de uma educação physica, mais ou menos perfeita, em um meio onde ella nunca existiu, a não ser sob a forma ridicula de um passatempo selvagem e malquisto por aquelles que deviam ter a comprehensão do seu alto valor, não é uma visão phantasiada, um ideal poetico; não; é um fito, um desejo puramente pratico que concorda perfeitamente com as actuaes tendencias utilitarias, porque a questão da educação physica da mocidade torna-se simplesmente uma questão de conservação vital (REIS, 1904, p. 26).

De modo geral, os doutores defendiam a realização de atividades físicas, pois proporcionaria o melhoramento da raça, ação necessária para o avanço e o progresso do país. Esses exercícios deveriam ser praticados com o auxílio de profissionais especializados, que seguiriam um rigoroso método científico. Como as escolas baianas não eram aparelhadas com as máquinas apropriadas para a realização da ginástica, que consistia na atividade física mais importante, os intelectuais enxergavam nos jogos e nos esportes alternativos plausíveis para ajudar a mudar o quadro lastimável ao qual se encontrava a educação baiana. Entre os jogos mais importantes, Reis cita o *foot-ball*, o *cricket* e o tênis, que seriam capazes de desenvolver o corpo e a mente dos jovens baianos (REIS, 1904, p. 91).

Segundo Reis, o *foot-ball* constituía uma boa alternativa para os baianos, desde que fosse observada e estudada a forma como seria praticado, pois nem esse nem os outros esportes deveriam ser praticados de qualquer forma. Falando especificamente sobre o futebol na Bahia, o autor afirma:

[...] na Bahia, ultimamente appareceu o foot-ball que na Inglaterra é um dos jogos praticados pela mocidade já preparada (entrainé) e endurecida por outros mais leves e menos rudes. Aqui, é uma verdade, principiamos tudo pelo fim e quando muito pelo meio, mas nunca por onde devemos começar, pelo principio.

Para esse jogo de *foot-ball* é escolhido o Campo da Polvora, improprio principalmente pelo terreno, não de polvora mas de poeira, o qual em dias de sol forte, agitado pelas correrias e pelo vento torna o ambiente nocivo pela enorme quantidade de pó que desloca.

A cultura *physica* assim como é feita não pode chamar-se cultura da saúde do corpo, mas, sim, da ruína do corpo (REIS, 1904, p. 91).

Resulta evidente que o futebol, e qualquer outro esporte, seria bem-vindo ao cotidiano dos baianos, desde que fosse praticado da forma correta, para que, ao invés de benefícios, não trouxesse prejuízos para a sociedade.

Para a prática de esportes no Brasil, dever-se-ia levar em conta também a condição atual da raça, pois corpos frágeis, como os dos brasileiros, não teriam capacidade de suportar o esforço e as exigências. Jogar futebol com um corpo degenerado seria um grande erro e não um acerto. De modo geral, médicos criticavam a transposição de costumes importados, sem uma prévia análise das condições aqui existentes. No caso dos esportes ingleses, o seu pleno funcionamento em terras brasileiras dependia da preparação prévia dos corpos. Em seguida, deveriam ser observadas as condições climáticas, as estações e a geografia do local. Só assim, o efeito esperado poderia ser alcançado.

A citação também nos permite pensar que o médico não criticava apenas as formas populares de se praticar o jogo da bola, pois, ao tecer comentários sobre os *sportmen* que frequentavam o Campo da Pólvora, estava se referindo diretamente aos jovens da elite soteropolitana, frequentadores do espaço citado.

Reis não foi o único crítico da prática do *foot-ball* de forma desregrada na Bahia. João Baptista Marques Ferreira, em sua tese *Hygiene Escolar*, condenou a prática do esporte em dias quentes e em lugares não apropriados. Também buscou selecionar os corpos que estavam aptos a praticar o jogo da bola, afirmando, no que deveria ser um manual a ser aplicado nas escolas e internatos da Bahia e do Brasil, que o “[...] *foot-ball*,

o *chricquet*, jogos ingleses violentos, só serão permissíveis aos rapazes bastante robustos e que já tiveram feito uso da *gymnastica suecca*” (FERREIRA, 1905, p. 59).

Segundo Ferreira, o esporte deve ter um sentido pedagógico. Sendo assim, para os que desejassem jogar bola, além da ginástica, poderiam praticar excursões e viagens a campos, arrabaldes e ao mar, como também passeios no mar e até mesmo andar em trem de ferro. Todas essas práticas iriam tornar não apenas os corpos robustos, mas também o caráter e o espírito (FERREIRA, 1905, p. 59).

Defendendo ideias semelhantes às de Ferreira, em sua tese *Cultura Physica da Infancia*, o médico Luis de França Loureiro realiza críticas aos jogos violentos e a sua prática irregular por pessoas despreparadas. Admirador confesso da *gymnastica suecca*, faz uma análise dos benefícios e malefícios de cada esporte conhecido na Bahia. A ênfase de sua crítica não se concentrava no esporte em si, mas sobre as condições em que era praticado em nossas terras. Sobre o futebol, ele afirma ser um

Jogo muito apreciado na Inglaterra e que vae se introduzindo no Brazil em alguns Estados. É um bom exercicio physico para um clima frio em que se tenha necessidade de uma agitação demasiada para o desenvolvimento de grande somma de calor.

Tem seus inconvenientes não só pelo clima, entre nós como tambem pelas violencias do exercicio de que não raro resultão desastres que notão nos grandes centros onde é usado (LOUREIRO, 1906, p. 36).

A maioria das considerações dos médicos sobre os benefícios ou males do futebol era baseada em estudos europeus, pois a introdução do esporte tinha sido muito recente, não tendo tempo suficiente para estudos detalhados da prática na Bahia. A própria preocupação em relação às condições climáticas ideais para a prática do esporte foi inspirada em trabalhos europeus que estudavam a relação existente entre o clima e o desenvolvimento da raça no Brasil.

Considerações Finais

Seguindo princípios racistas, biólogos, eugênicos, higienistas e sanitaristas e, com características militares, em seus momentos elementares no Brasil, a Educação Física serviu ao projeto de branqueamento da nação, contribuindo para a negação do outro negro, assim como de sua história, acentuando demarcações sociocracias que fragmentaram e fragmentam corpos e culturas. Na passagem do século XIX para o século XX, a Disciplina tornou-se uma aliada das elites médicas baianas que desejavam o aprimoramento racial da população brasileira. Cabia à Disciplina a responsabilidade do desenvolvimento do *phísico* e do *mental* da almejada “nova” raça, preparada para elevar o Brasil ao patamar das grandes nações da Europa.

Para alguns médicos da FAMEB, um país civilizado era aquele que apurava a raça cuidando do corpo e da mente dos seus filhos. De acordo com o discurso por eles disseminado, se o Brasil vivia uma ânsia por modernidade e civilidade, desejando se tornar evoluído como as grandes potências europeias, seria necessário, primeiramente, investir na Educação Física Escolar e na prática de exercícios físicos, pois ambos seriam capazes de apurar a raça e, assim, transformar a sociedade brasileira. Eles acreditavam que os exercícios físicos tinham a capacidade de agir em várias áreas, como a social, a física, a mental e a moral, sendo capazes de formar uma população com os mesmos valores e o progresso das sociedades europeias.

Sobre o futebol, apesar das críticas que o esporte sofreu, acreditamos que a maioria dos médicos enxergava a prática de exercícios físicos, da Educação Física escolar e do jogo de bola com bons olhos. Os próprios médicos acabaram por fundar clubes de *foot-ball* e incentivar os campeonatos que ajudaram a garantir o sucesso do esporte. Nesse sentido, acreditamos que a análise das teses da Faculdade de Medicina contribua grandemente ao entendimento dos primeiros anos do futebol na Bahia. Além

de serem das poucas fontes que guardam informações sobre o esporte na época, ajudam na reconstrução do contexto em que este foi inserido.

O estudo das teses ajuda a constatar que, na cidade de Salvador, existia um cenário promissor para o desenvolvimento do futebol e de outros esportes ingleses. Além disso, foi possível diagnosticar que o principal sentido da prática de um esporte como o futebol era sem dúvida o pedagógico, embora fosse alvo de críticas as práticas ditas impróprias e as práticas populares.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORI, Mary. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V.A. de. **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 11-34.

FAMEB. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador: n.1, ano 31, julho de 1899.

_____. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador: n.3, ano 38, setembro de 1906.

FERREIRA, J.B.M. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia Almeida, 1905.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GOELLNER, S. V. **O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola**. 1992. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GUIMARÃES, A.S.A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOBO, F. **Hygiene Escholar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895.

LOUREIRO, L. de F. **Cultura Physica da Infância**. Salvador: Typographia S. José, 1906.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, São Paulo, v. 32, n.94, junho 2017.

NASCIMENTO, A do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

PATURY, J.C. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898.

PITOMBO, C.A. **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância prophylactica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900.

POMIN, F. **Ginástica**. Curitiba: Inrsaberes, 2020.

QUIJANO, A. “Raza”, “Etnia” y “Nación” em Mariátegui. *In: QUIJANO, Aníbal. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: Clacso, 2014.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.

REIS, A.B. dos. **Educação Physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904.

REIS, J.J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REIS, Á.B. dos. **Educação Physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904.

SANTOS, H.S. dos. **Pugnas Renhidas: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador 1901 - 1924**. 2012. 360 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SCHWARCZ, L.M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

Endereço do/a Autor/a:

Fabiana Pomin
Endereço Eletrônico: fabiana.pomin@pdl.ifmt.edu.br

Lucas Santos Café
Endereço Eletrônico: lucas.cafe@pdl.ifmt.edu.br